

MEMÓRIAS DA ESCOLA OPRESSORA REVERTIDAS EM ESPERANÇA PARA UMA PRÁTICA LIBERTADORA

Guardo em mim, clara, precisa, a memória de idos dias – manhãs escuras, tardes frias, noites de inquietações e de medo. Medo de dormir – medo maior de acordar perdido, repetido, nas manhãs escuras, nas tardes frias. Mas guardo em mim também, clara, precisa, a memória de outros dias – manhãs límpidas, tardes amenas, noites de alegrias. Sono tranquilo – risos no sonho, palavras no sonho, olhos de sonho no sonho. Naquelas noites sem medo, dormir ou não dormir era a mesma forma de sonbar. (Freire, 2001)

Ao buscar, neste momento, refletir sobre a importância da educação de acordo com as ideias de Charlot (2000), parto da minha experiência escolar para chegar à minha trajetória como educadora na escola pública. Mesmo entendendo educação como um processo amplo que acontece a partir da prática relacional, na família e em outros espaços sociais, destaco aqui o ato de aprender por meio da educação formal que acontece na instituição escola. Nessa perspectiva, citamos Hannoun (1998, p. 14), que, ao tratar da formação do homem, apresenta a distinção entre educação formal e informal.

Essa educação formal, ou seja, a concebida, projetada e decidida pelo homem, opõe-se de maneira voluntarista à educação informal, reduzida a produto do acaso e das circunstâncias físico-biológicas de sua existência. Educar, no sentido formal do termo, é recusar a onipotência das determinações biológicas e ambientais como construtoras da personalidade atual e futura do homem e, correlativamente, permitir que este acrescente sua própria marca à construção de seu destino. Pela educação formal, a humanidade exprime sua revolta contra a exclusividade invasora da educação informal.

A minha vida escolar iniciou no interior, em uma escola particular. A professora não tinha formação pedagógica, e a prática escolar acontecia na sala da casa dela, com mais de dez alunos ao redor de uma grande mesa. Para atender alunos de diversas séries/níveis, a professora usava a seguinte estratégia: os (as) alunos (as) que estavam em processo de alfabetização realizavam as tarefas no caderno, já os (as) que estavam no nível mais adiantado deveriam copiar a atividade do quadro.

A experiência de frequentar uma escola, na época chamada de grupo escolar, só veio quando eu já estava na quarta série. O ponto positivo é que passei a conviver e brincar com pessoas da minha idade, já que meus pais não deixavam os filhos sair de casa para brincar com outras crianças.

No que se refere ao ensino, tudo ocorria de forma tradicional: copiar longos exercícios e respondê-los, mesmo que não percebesse nenhum significado. Se, porventura, questionasse a professora, ela respondia: – Você não tem que entender nada, só procure decorar o que está no livro, que você passa de ano. Sobre esse aspecto Alves (2003, p. 80) destaca: “é inútil armazenar conhecimentos que vão estar velhos dentro de dois anos. É no momento que sou desafiado que devo procurar o conhecimento e não simplesmente um arquivo que trago comigo”.

A situação ficou mais complicada quando a minha família veio morar em João Pessoa e fui estudar a 5ª série, atual 6º ano, em uma escola estadual de grande porte. Recordo que a escola oferecia duas línguas estrangeiras, inglês e francês. Fui matriculada numa turma de francês e ficava angustiada porque não entendia nada. Minha mãe foi falar com alguns professores para explicar que eu tinha vindo do interior e estava em processo de adaptação. Um dos professores falou que era assim mesmo e o que podia acontecer era eu ser reprovada e repetir o ano.

A situação se agravou de tal maneira que eu adormecia e acordava chorando, considerando que ir para a escola era um trauma, já que eu não conseguia entender nada do que os professores ensinavam, estando já predestinada a ser reprovada. Sobre esse aspecto, Charlot (2000, p. 16) afirma:

Existem, é claro, alunos que não conseguem acompanhar o ensino que lhes é dispensado, que não adquirem os saberes que supostamente deveriam adquirir, que não constroem certas competências, que são orientadas para a habilitação que desejariam, alunos que naufragam e reagem com condutas de retração, desordem, agressão. É o conjunto desses fenômenos, observáveis, comprovados, que a opinião, a mídia, os docentes agrupam sob o nome de “fracasso escolar”.

Entrar na escola era um sofrimento. Eu me sentia sufocada e perdida, como se estivesse numa multidão. Me perguntava sempre o que tinha a ver o que eu estudava com a minha vida, ou seja, não conseguia perceber o tríplice processo hominização, singularização e socialização destacado por Charlot (2000, p. 33). Para o autor, o sujeito é um ser humano

“aberto a um mundo”, “um ser social” e “um ser singular”. Tal sujeito possui papéis no mundo, e em suas relações sociais, porque “encontra a questão do saber como necessidade de aprender e como presença no mundo de objetos, de pessoas e de lugares portadores de saber”; ele se autoproduz e é produzido por meio da educação.

Foram dias de extrema angústia que chegaram ao fim graças à sensibilidade da minha mãe que, mesmo sendo uma mulher de pouco estudo, entendeu a minha situação e foi à escola conversar com o representante da direção, para reservar a minha vaga para o ano seguinte. Assim, matriculou-me numa escola particular à noite, numa turma da EJA, para cursar a 4ª série novamente.

A prática escolar era numa perspectiva conteudista, mas foi uma experiência que deixou boas recordações. Eu era a aluna mais nova da turma e fui bem acolhida pelos adultos. E, como eu tinha mais facilidade de aprender os conteúdos, sempre os ajudava quando era solicitada. Desse momento escolar, ficaram dois ensinamentos: de como é importante o acolhimento e a partilha de saberes no espaço escolar.

Essa experiência, que não considero traumática, a denominarei de marcante, uma vez que me levou a refletir enquanto profissional o quanto é importante o processo de adaptação do ser humano na instituição escolar, independentemente da idade em que se encontra.

A minha trajetória de educadora teve início na mesma escola particular onde estudei na EJA. Desde o início, tenho a preocupação de como acolher o aluno, pois entendo que o ato de acolher é individual e influencia profundamente no coletivo.

Quando atuei como professora na creche da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tinha uma preocupação especial, no início do ano, com o período de adaptação da criança, para que a sua inserção na vida escolar não fosse traumatizante. Para tanto, orientávamos os pais para falar sobre a escola como um espaço onde ela teria outras crianças para brincar e aprender coisas novas e para que, por hipótese alguma, deixassem a criança e saíssem escondidos.

Nos canteiros de obra, enquanto alfabetizadora, sempre procurei saber um pouco mais sobre as situações de vida dos alunos, trabalho, família, lazer, etc. Entendia que a relação professor-aluno não deve pautar-se pelo repasse de conteúdo. Nesse sentido, ressalto a importância do estabelecimento de uma relação dialógica entre os que participam do processo educativo, para que a realidade social e cultural dos sujeitos seja o eixo articulador do processo educativo.

Melo Neto (2011, p. 112), ao analisar a pedagogia de Freire como uma concepção ontológica, ressalta que “a educação do homem é algo que só vem pela dimensão social e coletiva, tomando como referência o mundo em que todos estejam inseridos, o mundo de suas vidas”.

O desenvolvimento de práticas educativas numa perspectiva emancipatória, no âmbito da escola pública, exige de nós, educadores (as), uma busca contratante pelo conhecimento, um olhar crítico em relação à formalidade da ação educacional, para que possamos, verdadeiramente, desenvolver um trabalho educativo crítico, problematizador e libertador.

Referências

ALVES, Rubem; DIMENSTEIN, Gilberto. **Fomos maus alunos**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.) **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 3. reimp. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

HANNOUN, Hubert. **Educação**: certezas e apostas. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

MELO NETO, José Francisco de. **Diálogo em educação** (Platão, Habermas e Freire). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

Cláudia Costa Duarte

Mestre em Educação (PPGE – UFPB, 2011). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (1991). Atualmente, é supervisora educacional e professora da EJA na Rede Municipal de João Pessoa. O texto “Memórias da escola opressora revertida em esperança para uma prática libertadora” narra experiências do início da vida escolar no interior da Paraíba de 1972 a 1977, ano em que veio morar na capital João Pessoa.

Email: cduartesecc@hotmail.com

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 18/11/2016